

LEITURA DINÂMICA

O presidente Collor prevê para 1991 um ano cinzento, devido à dívida externa, ajustes do plano econômico e repercussões da crise no Golfo. Na página 5, o TRE de São Paulo decide aumentar a bancada paulista na Câmara de 60 para 70 deputados. O Congresso encerra o esforço

concentrado — que prosse- que na próxima semana — com uma cena violenta: o deputado José Lourenço (PDS-BA) agrediu o deputado Amaral Netto (PDS-RJ), que o havia chamado de “canalha”. Na página 6, o secretário da Fazenda de São Paulo admite, agora, que o governo não

deveria ter concedido dois reajustes salariais ao funcionalismo às vésperas da eleição. E pode se iniciar uma greve no dia 12. Depois de anunciar que os cofres de seu governo estavam vazios, Quéricia divulgou que gastará Cr\$ 3,5 bilhões em publicidade até o ano que vem.

# O ano que vem será “cinzento”, diz Collor.

O presidente Fernando Collor escolheu o governador eleito de Roraima, Otomar Pinto (PTB), para mandar um recado à Nação: “O próximo ano será cinzento”, disse Collor a Ottomar, que foi ao Palácio do Planalto pedir ajuda ao governo federal para a sua administração. “Quer dizer, presidente, que os anos dourados do seu governo só vão começar em 1992”, indagou o governador eleito ao presidente. “É, só a partir daí a situação vai melhorar”, respondeu Collor.

Ottomar Pinto foi ao Palácio acompanhado da mulher, Marluce Pinto — eleita senadora — e de quatro deputados federais, todos do PTB. O governador e sua bancada disseram a Collor que estão dispostos a apoiá-lo no Congresso, desde que a União dê um tratamento privilegiado a Roraima, que se transformará em Estado a partir de 15 de março. “Se Collor ajudar Roraima, votamos com ele”, comentou o deputado Francisco Rodrigues, acrescentando: “Se nos abandonar, votamos contra”.

Collor disse ao governador que não deveria esperar muita coisa do governo federal e deu as razões. O presidente explicou que, no próximo ano, o País ainda estará sofrendo as consequências da crise do Golfo Pérsico, não terá concluído a negociação da dívida externa e o programa econômico entrará em fase de ajustes. Por conta da crise do Golfo — disse Collor a Ottomar Pinto — as compras mensais de petróleo praticamente dobraram. Collor também não deu esperanças a Ottomar de a União assumir a dívida do território, cujo valor total o governador afirmou não saber.

Quadro negro

O senador Jorge Bornhausen (PFL-SC) disse ontem que concorda com a avaliação do presidente Fernando Collor — com quem se reuniu no Planalto — sobre o quadro econômico. Segundo ele, se não sair o entendimento nacional que altere os rumos do programa de estabilização econômica e se a renegociação da dívida não obtiver sucesso, o quadro recessivo esperado para o próximo ano poderá agravar-se ainda mais. Bornhausen afirmou que a proposta saída da última reunião do pacto sobre política salarial — que está sendo examinada pela equipe econômica do governo e Congresso — é um primeiro passo.

## E Quéricia afirma que País pode parar em 91

O agravamento da crise econômica, com graves consequências nos Estados e municípios, poderá causar profunda recessão e paralisar as atividades produtivas do País. A advertência foi feita pelo governador Orestes Quéricia anteontem à noite, em Brasília, durante reunião com deputados quercistas. Também estavam presentes o líder do PMDB, deputado Ibsen Pinheiro (RS), e o deputado e economista César Maia (PDT-RJ), convidado pelo governador para expor sua opinião sobre a situação econômica.

Os governadores eleitos do PMDB, segundo proposta de Quéricia, deverão divulgar, dentro de 10 a 15 dias, “documento-advertência” sobre a gravidade do quadro econômico e do risco de o País parar, esmagado por violenta recessão, se não for adotada uma política econômica alternativa. Com a concordância de César Maia, o governador afirmou que o governo Collor precisa saber conciliar o combate à inflação com política de desenvolvimento, caso contrário o Brasil não poderá fugir da recessão e não terá como sair dela mais”.